

PROBLEMATIZANDO O HUMANO E ANTECIPANDO O PÓS-HUMANO DE BLAKE E OS SHELLEYS A DICKENS E A WELLS — DA POESIA À FICÇÃO

PROBLEMATISING THE HUMAN AND ANTICIPATING THE POSTHUMAN FROM BLAKE AND THE SHELLEYS TO DICKENS AND WELLS — FROM POETRY TO FICTION

PAULA GUIMARÃES*
paulag@ilch.uminho.pt

Este artigo focar-se-á nas diversas formas como, nos seus poemas e ficções, os escritores românticos e vitorianos exploram os conceitos filosóficos e as categorias antropológicas associados ao “humano”, ao “não-humano” e ao “pós-humano” – num “admirável mundo novo” oitocentista, cada vez mais casuístico e distópico. O artigo tentará mostrar como, no ambiente industrial, tecnológico e científico em rápido desenvolvimento do século XIX inglês, autores como Blake, Byron, os Shelleys, Dickens, Gaskell, Stevenson e Wells imaginativamente propõem diferentes possibilidades ontológicas para a existência e a reprodução do “sujeito”, não apenas especulando sobre os “futuros” da humanidade e das humanidades, mas revelando também as suas próprias esperanças e medos mais íntimos; nomeadamente, do que um novo “ser” poderia implicar. O artigo mostrará que as criações ecléticas destes escritores britânicos abriram o caminho para uma realidade pós-humana cada vez mais complexa, cujos agentes culturais adaptaram e transformaram em ficções cinematográficas e metáforas multimédia que, ainda hoje, assombram a cultura popular e desafiam as comunidades científica e académica.

Palavras-Chave: humano; pós-humano; humanidades; literatura inglesa oitocentista.

This paper will focus on the diverse ways Romantic and Victorian writers engage with the contemporary concepts, categories and products of the ‘human’, ‘inhuman’ and ‘posthuman’ in an increasingly casuistic and dystopian nineteenth-century ‘brave new world’, and how they depict and represent them in their respective poetical and fictional works. The paper will thus attempt to show how, in the fast developing industrial, technological and scientific environment of the period, authors like Blake, Byron, the Shelleys, Dickens, Stevenson, and Wells imaginatively propose different ontological possibilities for both the existence and reproduction of the ‘subject’, not merely speculating on the ‘futures’ of humanity and ‘the humanities’ but also playing their own deepest hopes and fears out, namely of what this new ‘being’ would entail. The paper will demonstrate that these British writers’ eclectic creations paved the way for the increasingly complex multicultural, multigendered posthuman reality of today, whose cultural agents have curiously adapted and transformed their often highly graphic works into screen fictions and multimedia metaphors that simultaneously haunt popular culture and defy the scientific and academic communities.

* Professora Auxiliar da Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Departamento de Estudos Ingleses e Norte-Americanos, Braga, Portugal. ORCID: 0000-0002-8503-0916

Keywords: human; posthuman; humanities; nineteenth-century literature.

Data de recepção: 2020-05-11
Data de aceitação: 2020-09-01
DOI: [10.21814/2i.2648](https://doi.org/10.21814/2i.2648)

*What immortal hand or eye,
Could frame thy fearful symmetry?*
– William Blake

*What is life?
[...]
How vain is it to think that words can penetrate the mystery of our being.
Rightly used they may make evident our ignorance of ourselves, and this is much.*
– P.B. Shelley

Na sua investigação sobre *The Romantic Posthuman and Posthumanities*, Elizabeth Effinger refere que o Humano, como conceito e como disciplina formalmente organizada, se “desorganizou” e se “reorganizou” no longo período romântico – 1780–1830 (2014, p. 3). Isso aconteceu porque, como ela salienta, a poesia e a prosa românticas se tornaram locais cruciais quer de intervenção crítica sobre questões ontológicas quer de uma nova organização disciplinar do conhecimento (p. 4). Por exemplo, Effinger identifica uma crítica da história e da historiografia na poesia de Percy Shelley, um diálogo entre as artes e as ciências na obra iluminada de William Blake, e um comentário sobre os limites das disciplinas no fim dos tempos na ficção de Mary Shelley (p. 5). E, de facto, o período constitui uma pedra angular nas discussões contemporâneas acerca das “pós-humanidades”, as quais deixaram de colocar o homem no centro do discurso e passaram a conceber o humano e o não-humano como um complexo emaranhado. Muitos dos conceitos e mecanismos do Pós-humanismo¹ são identificáveis com os processos do Romantismo (principalmente aqueles relacionados com a natureza) e os Românticos moldaram as principais discussões em torno das pós-humanidades – as mudanças climáticas, várias modalidades da teoria catastrofista e o “estranho parentesco” entre humanos e não-humanos. Devido a esta estranha proximidade, a ontologia e a epistemologia do sujeito humano foram perturbadas até atingirem um ponto de crise.

Essa crise deveu-se, em grande medida, ao rápido desenvolvimento das descobertas científicas, as quais vieram revelar ao homem o grau da sua relação e pertença a essa “companhia inumerável” (Blake, *A Vision of the Last Judgement*, E566) de formas e forças não-humanas. Pensamos, em particular, nas descobertas na área da química fisiológica que proliferaram na década de 1780 (com Berthollet e Lavoisier), assim como na da história natural, sobretudo com a *História dos Quadrúpedes* de Pennant (1781). Mas desde as experiências elétricas de Galvani, aos primeiros motores a vapor das fábricas inglesas, à vacina contra a varíola de Jenner (1796), o não-humano surgiria como um local de intensa potencialidade, como uma espécie de “fantasma na máquina”. Desenvolvendo um contacto cada vez mais íntimo com o humano, ele forma um “parentesco estranho” (Merleau-Ponty, 2003), sugestivo de novas e perturbadoras formas de combinação homem-animal. As novas disciplinas científicas são também estabelecidas, incluindo a Antropologia, a Anatomia Comparada (com Cuvier), a Embriologia Comparada e a Química Orgânica. Mas o período também testemunhou o surgimento das “contra ciências”, como a Homeopatia; “contra ciência” é a designação de Foucault (em *A Ordem das Coisas*) para uma ciência que atravessa, anima e perturba todo o campo constituído pelas ciências humanas.

¹ Entre os quais, aqueles que problematizam as relações entre humano e animal, entre humano e máquina, e os que tecem suposições sobre essas relações no futuro e o possível surgimento de um novo protótipo humano.

Essas “contra-instituições” desempenharam um papel importante na imaginação de William Blake (1757–1827), tendo constituído o modelo radical para as novas organizações disciplinares que suportaram a sua visão – aquilo que o poeta apelida de “doce ciência”. A ideia de que o Humano tinha começado a ser organizado numa variedade de disciplinas e campos parece, pois, ser corroborada pelo nascimento da Antropologia, no final do século XVIII, o momento em que o homem se torna objeto de estudo e, simultaneamente, o sujeito que estuda. Por detrás da poesia e das obras iluminadas de Blake está o projeto de reorganização visionária do ser humano – um modo de crítica voltado para os sistemas despóticos e rígidos do homem; este é por ele encenado através dos movimentos e posturas deslocados de várias figuras, sugerindo um desmantelamento ou uma reorganização literal do corpo humano. Nos romances de Mary Shelley (1797–1851), é o fracasso das tentativas de organização e reorganização do humano que produzem um cenário de dissolução ou desorganização. Tanto *Frankenstein* (1818) como *The Last Man* (1826) fazem uma crítica à própria disciplinaridade romântica (às suas instituições culturais) e podem ser lidos como conjeturas sombrias acerca do legado ou da pós-vida do próprio Romantismo. O não-humano (por via do sobrenatural) é também uma característica definidora do género gótico, tornado evidente em estudos como os *Limits of Horror* de Fred Botting ou as *Non-Human Reflections* de Scott Brewster.

Apesar de central, Kant não foi o primeiro pensador a especular criativamente sobre “o que é o humano” e “o que vem a seguir ao homem” (2006); na verdade, de Robinet em *De la Nature* (1761–8) e Bonnet, em *Contemplation de la Nature* (1764) ou *La Palingénésie* (1770), fizeram conjeturas acerca do alcance e extensão da “grande cadeia do ser”. Mas o elemento mais disruptivo a perturbar o projeto antropológico na sua essência é o aparecimento do não-humano ou alienígena (Clark, 2001, p. 204) e, neste contexto, o conceito de não-humano de Jean-François Lyotard (*The Inhuman*, 1988) oferece um quadro crítico útil. Se o não-humano de Kant abrangia toda a gama que vai desde o microscópico (o germe) até ao macroscópico (o extraterrestre), Lyotard enquadra essa assombração de um estranho (*unheimlich*) visitante por via de uma experiência mental sobre o fim da humanidade. A catástrofe solar de Lyotard liga-se ao “novo mundo” de Kant após a destruição – onde o globo (que antes tinha sido dissolvido no caos, mas agora se organiza e se regenera) deveria trazer à superfície, pelas revoluções da terra, criaturas diferentes, que, por sua vez, dessem lugar a outras após a sua destruição (p. 8–11). Esse acontecimento iminente, essa “negação sem descanso” que não poupará Lionel Verney, o narrador que sobrevive à praga apocalíptica no romance de Mary Shelley, *The Last Man*, ou mesmo o cão fiel do poema distópico *Darkness* (1816/2006), de Byron, obriga-nos a pensar na impermanência do pensamento e na total fragilidade das realizações humanas.

A dor torna-se uma característica definidora do enquadramento do Humano que é feito na antropologia de Kant, assim como da própria figura da Humanidade no drama poético *Prometheus Unbound* (1820), de Percy Shelley. Aqui, a figura do Não-Humano representada pelo personagem de Demogorgon funciona como a definição do não-humano de Lyotard – como um estímulo para o pensamento. O não-humano, descrito como algo sombrio e pouco compreendido, é, no entanto, representado como uma força libertadora, a condição ou possibilidade de afetar a mudança ou a revolução. Tal como o discurso antropológico de Kant, o *Prometheus Unbound* de Shelley também se preocupa com as origens e os fins do homem, uma espécie (humana) futura. No entanto, em *The Triumph of Life* (1824), o não-humano assume um efeito diferente, representado por Rousseau, o qual é confundido com uma raiz antiga, sugerindo a menorização da condição especial do homem, capaz de se tornar parte integrante da paisagem. Por fim, e após a

busca desesperada e vã de Alastor por um protótipo, o que este poema nos apresenta é uma “antropologia negativa” (no sentido de Günther Anders). O poema de Shelley não se preocupa apenas com as figuras mais estranhas da Vida, mas leva-nos a um processo entrópico de decadência cada vez maior, no qual o homem é como que (des)figurado pela sua falta de “especialidade” (ou condição de ser especial). Embora a Vida comece com a luz ofuscante do sol, termina nas trevas da história, numa representação vital que não incorpora o humano no seu seio.

As representações da relação humano-não-humano são múltiplas na poesia iluminada de William Blake, sugerindo um envolvimento profundo com a pergunta de Kant: *Was ist der Mensch?* Esta questão é abordada de forma única, tanto na imagem como no texto da obra de Blake; ou seja, no seu primeiro livro iluminado, *The Book of Thel* (1789), e em *Jerusalem* (1804–1820), a sua obra maior. Estes textos funcionam como locais importantes onde Blake reflete não apenas sobre o que significa ser humano, mas também sobre as instituições humanas e suas extensões disciplinares. Através da figura de Thel (uma jovem em busca de conhecimento) e os seus companheiros não-humanos (uma nuvem, uma flor, e um verme), Blake não questiona apenas as origens do homem, mas especula também sobre a potencialidade de um tipo de vida pré-humana ou intrauterina; algo como a noção de Emmanuel Levinas de “uma existência antes dos existentes” (1947/1986). Isso permite-nos ler o seu texto como um poema quer sobre o “não-nascido” quer sobre a história natural – já que ambos expõem a potencialidade da (des)ordem das coisas. A incerteza de Thel sobre quem ela é e qual o seu lugar no mundo contém em si mesma a implicação radical da falta de sentido da vida; isto é, de uma vida que não tem um sujeito humano no seu centro. Nas *Songs of Innocence* (do mesmo ano), Blake introduz um cenário estranhamente semelhante, em que uma jovem solitária encontra uma série de animais ou atores não-humanos. No primeiro poema, *The Little Girl Lost*, ela afasta-se instintivamente dos seus progenitores para se juntar à companhia de animais selvagens; no segundo poema, intitulado *The Little Girl Found*, os seus pais encontram-na já inserida nessa comunidade animal, num encontro transformador, após o qual eles parecem aceitar a sua perda.

Jerusalem, or the Emanation of the Giant Albion parece representar mais plenamente, através da criação de cem placas gravadas e ilustradas, a crítica de Blake ao humano e às humanidades. Através de uma análise atenta das suas figuras de humanos com cabeça de animal (a figura andrógina com cabeça de águia e a mulher-cisne), vemos que se trata de um texto romântico complexamente empenhado numa crítica ao humano, assim como numa crítica ao que Giorgio Agamben chama de “máquina antropológica” (2002); o termo torna-se, à luz de Blake, simultaneamente poroso e vazio. Na representação que ele faz de uma humanidade transformada, o corpo físico é dividido e reorganizado visceralmente. A reorganização do ser humano que é feita por Blake parece visar uma nova maneira de pensar que se situa para além das amarras do humanismo. O ato de Albion de aniquilar a individualidade humana pode ser lido como o ato positivo de dissolver uma figura reificada ou despótica, sem deixar nada de reconhecidamente humano no seu lugar. O que está em jogo na reavaliação que Blake faz do humano é a potencialidade de algo novo – uma nova ontologia, um novo modo de estar com o /no mundo.

Sem descurar o que é, indiscutivelmente, o mais famoso (e talvez temido) não-humano, a Criatura – erudita, mas monstruosa – do *Frankenstein* de Mary Shelley,² devemos dedicar uma atenção detalhada a *The Last Man* (de 1826), um romance

² Sobre as potencialidades pós-humanas deste romance, tive já oportunidade de escrever um ensaio: “‘Like an inspired and desperate alchymist’: Ler/Ser Frankenstein no Cruzamento das Ciências e das Humanidades” (2018). DOI: 10.11606/9788560944866

extremamente importante para as pós-humanidades. Não porque antecipa um mundo cheio de pragas, mostrando um profundo conhecimento da história da medicina, especificamente o desenvolvimento da vacina contra a varíola e as várias teorias oitocentistas sobre a natureza do contágio. Nem mesmo porque, na sua recusa de colocar a humanidade no centro do universo, questionando a nossa posição privilegiada em relação à natureza, constitui um desafio profundo e profético ao humanismo ocidental. Mas porque as principais disciplinas do romance, especificamente a literatura e a música, são enfaticamente escoadas do texto – juntamente com a maioria dos seus humanos. Aqui, a questão não é tanto “o que” é que, no final, poderá tomar o lugar do homem; a questão condutora do pensamento disciplinar de Mary Shelley é semelhante à pergunta de Lyotard em *The Inhuman* : Poderá o pensamento continuar sem um corpo (1988, p.13); poderão as humanidades continuar sem o humano? Através das suas representações da literatura e da música, o romance distópico de Shelley sobre o fim do Homem desativa as disciplinas e suas respectivas funções, juntamente com o seu *anthropos*, na ordem das coisas. As artes que reaparecem no final de *The Last Man* marcam o pensamento especulativo de Shelley sobre o que poderia significar para a literatura e a música sobreviver para além do humano e que formas poderiam então assumir. Elas funcionam como uma desativação do idealismo da estética, uma crítica quer à sustentabilidade do homem quer das suas realizações culturais.

A “Criatura de Shelley” surge no início do século XIX e posiciona-se na confluência de duas visões antagónicas do mundo: o sublime da teologia natural e o despertar de uma era científica. Os “monstros” que surgiriam depois da criatura de Frankenstein afastam-se dessa sublimidade gótica para incorporar o fascínio crescente pela Ciência, a qual (ao contrário da mitologia ou da magia) poderia mudar a forma humana. Esses monstros surgiam nos esqueletos articulados dos seres primordiais descobertos pelos paleontologistas, na maquinaria fabril que perturbava o silêncio pastoril da Inglaterra rural, nos corpos deformados e distorcidos pelo trabalho e pela máquina, no humano animalizado revelado pela teoria de Darwin, nos corpos de animais dissecados em laboratórios; nos corpos permanentemente alterados pela devastação das doenças, e nos corpos invisíveis de bactérias e patogénios. A Era Vitoriana foi uma era de corpos monstruosos – de corpos que adotaram os preceitos da ciência para distorcer o que antes se pensava ser apenas animal ou apenas humano. Na sua dissertação sobre *The Victorian Posthuman* (2018), Wietske Smeele explora a forma pela qual a literatura, a arte e a cultura popular vitorianas reformularam as noções convencionais de “monstruosidade” dentro dos paradigmas do desenvolvimento científico, tecnológico e médico. Esse retrabalho afastou-se da monstruosidade como aberração, para passar a encarar as criaturas tornadas monstruosas pela ciência como arautos de uma nova ontologia humana: o pós-humano vitoriano (Smeele, 2018, p. 2).

Devido à mudança do conceito de “monstruoso” no século XIX, esses corpos desafiavam categorias tipicamente demarcadas de ser, como compostos de humano e animal, de ser sensível e coisa, de biológico e tecnológico, dentro de um único corpo. Portanto, as considerações acerca da identidade humana e os possíveis futuros do humano não se limitam apenas à tecno-modernidade, mas podem existir e existem antes da era da informação (Smeele, 2018, p. 6). Por outro lado, a universalidade do humanismo presente na Era Vitoriana, rica em romancistas, reformadores sociais e pensadores filosóficos que procuravam celebrar e defender o progresso humano, deve ser reconsiderada. Além disso, a Era Vitoriana desenterrou e explorou corpos estranhos, e frequentemente perturbadores, que questionavam as noções amplamente aceites do humano. O pós-humano vitoriano é uma criatura proteica (multiforme ou polimorfa), que pode assumir diversas formas (Smeele, p.7); ela pode ser: a forma gigante de um esqueleto articulado de dinossauro, o

encontro entre humanos e máquinas nas fábricas têxteis vitorianas, a ficção de corpos humanos biologicamente aperfeiçoados ou o patogénio invisível que transforma corpos saudáveis em alienígenas estranhos. Essa multiplicidade revela uma mudança radical na forma como o corpo humano era entendido na era vitoriana, reimaginando o que significa ser e parecer humano.

A cultura visual e escrita vitoriana usa o corpo humano para mediar o potencial do desenvolvimento científico, tecnológico e médico; isto é, o potencial de aquele se tornar pós-humano (Smeele, p. 9). E essas novas ciências não estavam fora do alcance do público; ao contrário de hoje, as ciências e as humanidades falavam a mesma língua e, portanto, podiam envolver-se numa comunicação interdisciplinar. Jay Clayton, em *Charles Dickens in Cyberspace* (2003), faz uma afirmação semelhante quando observa que a ficção de Dickens oferece uma hipótese de “superar a divisão entre duas culturas”, a qual estava a começar a enraizar-se (p. 192). Elizabeth Gaskell, no romance *North and South* (1855/1996), demonstra compreender as revoltas causadas pela introdução de máquinas industriais a vapor no norte da Inglaterra; mas os operários cooperam com a maquinaria junto da qual trabalham, permitindo identificar uma coexistência entre o humano e o pós-humano. As máquinas movidas a vapor de *Michael Armstrong, the Factory Boy* (1839), de Francis Trollop, ou os híbridos humano-animal em *The Island of Doctor Moreau* (1896), de H.G. Wells, questionam as noções convencionais do humano, integrando quer maquinaria quer animalidade em seres humanos, de outra forma reconhecíveis. Destas integrações surgem ontologias pós-humanas, pós-humanos que coexistem e se movem dentro do mesmo mundo que os humanos, antes da era da informação. É um pós-humanismo cultural porque reconhece culturas específicas e não depende de tecnologias futuristas (Smeele, 2018, p. 15). As ciências evolucionistas, geológicas, biológicas e mecânicas foram tão desestabilizadoras no século XIX como a tecnologia de computação o está a ser hoje.

O pós-humanismo na Era Vitoriana abrange uma consciência inter-espécies, resumida na insistência de Darwin de que os seres humanos são animais, com uma personificação tecnológica completa, exibida nos alienígenas e robôs da ficção científica vitoriana tardia. Para os teóricos e críticos pós-humanistas do início do século XXI, como Braidotti e Wolfe, o corpo é um princípio central pelo qual se resiste à centralidade do humanismo e ao sujeito humanista nascido no Iluminismo. Essa descentralização do ser humano ideal revela uma das figuras-chave do pós-humanismo: a “montagem”. Para resistir às ideias antropocêntricas do humanismo, o pós-humanismo insiste na multiplicidade inata de toda a vida. Wolfe escreve que o humano é “fundamentalmente uma criatura próstética que co-evoluiu com várias formas de tecnicidade e materialidade, formas que são radicalmente não-humanas e, no entanto, fizeram do humano o que é” (2010, p. xxv). Ao explorar a corporização pós-humana vitoriana, enfatiza-se a forma pela qual esses corpos compostos aparecem como conjuntos, como amálgamas de materiais e influências aparentemente contraditórias. É um aglomerado cuja identidade é informada pela sua história evolutiva compartilhada com outros animais, a sua dependência e relacionamento contínuos com outras entidades sensíveis e não sensíveis, e a sua futura coevolução com as tecnologias modernas.

Segundo Smeele (p. 20), para ilustrar a mutabilidade da existência pós-humana nas interações da literatura, arte, ciência, tecnologia e medicina na era vitoriana, a atenção deve recair em quatro momentos: no desenvolvimento da paleontologia, nos avanços na mecanização das fábricas, na teoria da evolução e na descoberta de germes e genes. Primeiro, os estudos progridem cronologicamente das décadas de 1820 a 1890; e, segundo, os pós-humanos explorados em cada caso diminuem de tamanho, começando como corpos gigantescos e terminando como bactérias microscópicas. Por exemplo, os

vestígios de dinossauro na Era Vitoriana forçavam os humanos a reavaliar o seu domínio sobre as outras espécies. À medida que os ossos pré-históricos foram desenterrados e exibidos em museus, eles ofereceram aos vitorianos a oportunidade de ver e interagir com os dinossauros como se eles existissem. Esses monstros pré-históricos também desfrutaram de vidas posteriores na literatura, ilustrações e periódicos, e a sua presença prolongada forçou uma reavaliação do humano. Em museus como o Museu de História Natural e romances como *Viagem ao Centro da Terra* (1864), de Jules Verne, os humanos deparam-se com criaturas cujo tamanho e poder excedem em muito os do humano. Conseqüentemente, os observadores humanos foram forçados a reconhecer a sua própria insignificância ou incapacidade.

Questões sobre o papel do humano num mundo cada vez mais mecanizado começaram a ser levantadas durante a Revolução Industrial – o período de crescimento mecânico e industrial que assomou na Inglaterra entre as décadas de 1770 e 1840. É quando a forma humana entra em contacto com as máquinas que a literatura vitoriana segue um curso diferente: o de uma narrativa tecnológica que vai desde as fábricas têxteis britânicas até às páginas da ficção científica (Smeele, p. 22). O poder mecânico das máquinas fabris teve efeitos devastadores nos corpos dos trabalhadores que passaram a vida em interação com elas: muitos sofreram ferimentos e mutilações graves. Os corpos humanos funcionam, portanto, como substitutos para as máquinas, à medida que estas se tornam visíveis não no mover das suas rodas dentadas, mas na forma como alteram e desabilitam os corpos dos operários. Ficções fabris, como *Michael Armstrong* (1839) de Francis Trollop e *North and South* (1855), de Elizabeth Gaskell, representam com detalhe brutal a realidade de viver com essas sequelas.

É ao explorar a forma como, até à segunda metade desta era, a mente vitoriana reagiu a essas interfaces homem-máquina que podemos traçar uma trajetória que liga os operários do romance realista aos primeiros robôs da ficção científica. Ambos são descritos de forma a quebrar o binário “biologia-tecnologia” que se manteve firme em relação às representações realistas do corpo humano. A primeira fase dá-se dentro da fábrica, onde o corpo do operário se transforma numa parte protética da máquina. Ao explorar a fábrica vitoriana, os estudiosos da ficção industrial abordam amplamente as relações de classe que se escondem sob a sua superfície. Embora constitua uma crítica padrão à desumanização presente no mundo industrial, na sequência de Karl Marx e Friedrich Engels,³ essa mácula mecanicista não se limita à fábrica; ela entra nos corpos dos trabalhadores e, através deles, sai da fábrica. A segunda etapa acontece quando a interface homem-máquina falha, quando a parte humana da máquina se “quebra” e tem de ser substituída; a peça é descartada e substituída por uma nova prótese humana. O terceiro momento vê a parte descartada da interface homem-máquina sair da fábrica e, carregando a mácula da máquina sobre o seu corpo e a sua mente, muitas vezes feridos, causa uma perturbação no domínio do romance realista. Num quarto e último momento, as interfaces homem-máquina acontecem através das lentes fantásticas da ficção científica; aqui, as próteses mecânicas são frequentemente reativadas como dispositivos robóticos. Embora estudiosos como Herbert Sussman, em *Victorians and the Machine* (1968), tenham examinado quer o fascínio quer a repulsa que os romancistas demonstram em relação às máquinas, os estudos mais recentes debruçam-se sobre a interação entre a máquina e o humano.

³ Em *Capital: A Critique of Political Economy* (publicado em 1867; traduzido para o inglês em 1887), Marx reconhece que, na fábrica, o trabalhador é transformado numa engrenagem da máquina: “As máquinas são mal utilizadas, com o objetivo de transformar o trabalhador, desde a infância, numa parte de uma máquina de detalhes ... na fábrica, a máquina faz uso do [trabalhador]. ... são os movimentos da máquina que ele deve seguir” (Marx, p. 285, minha tradução).

The Lives of Machines (2011), de Tamara Ketabgian, por exemplo, mostra que o estereótipo das máquinas como sombrias e ameaçadoras não tem fundamento. Ela argumenta que, pelo contrário, representações de máquinas, em particular a fábrica e o motor a vapor de dupla ação, reformularam o modo como a mente humana e as suas emoções passaram a ser encaradas na literatura e na cultura vitorianas. Esta fascinante exploração da ligação entre a mente e a máquina percorre alguns dos principais romances da Era Vitoriana. Ketabgian compara, por exemplo, os operários a máquinas emocionais em *Hard Times* (1854/1989) de Charles Dickens, para mostrar como a vida conferida às máquinas da fábrica – “elefantes loucos de melancolia” – reflete os medos de uma violência imprevisível na classe trabalhadora de Coketown. Ela encontra uma ligação semelhante na ameaça que a introdução do vapor representa no *Mill on the Floss* (1860/2008), de George Eliot: neste romance, os conflitos laborais em torno da mecanização do moinho são, de facto, reflexos da agitação e do desequilíbrio emocional de Maggie e Tom. Esta viragem para as emoções das máquinas demonstra que a máquina não era algo a ser evitado e temido na era vitoriana, mas sim um ator com um papel importante na compreensão das representações do humano.

Embora a ficção industrial habitualmente não descreva o interior da fábrica ou o funcionamento das máquinas, ela explora a forma como estas alteram o corpo humano, frequentemente até à morte. As personagens de Trollop, por exemplo, ficam fisicamente deformadas pela sua proximidade com as máquinas, enquanto os operários de Gaskell em *North and South* carregam a “sombra” da máquina para fora da fábrica, que transforma toda a vida de uma cidade do Norte. De facto, a indústria têxtil afeta todos os aspetos da vida profissional em Milton: as fábricas dominam a paisagem, enchem o ar da cidade com a sua poluição; e as máquinas dominam ainda a vida dos trabalhadores, exigindo-lhes que adaptem a sua vida quotidiana a esses ritmos artificiais. Embora a fábrica e as suas máquinas tenham desaparecido da paisagem literária no final da década de 1850, os seus trabalhadores feridos permaneceram na periferia da ficção realista. Frequentemente disfarçadas de corpos desviantes, essas interfaces homem-máquina podem ser vistas especialmente na ficção de Dickens, como corpos que exsudam elementos mecânicos – as suas mentes trepidam como o caminho de ferro, movem-se como motores a vapor ou transformam-se, mesmo, pelas próteses que usam. Por terem sido alterados pela máquina e, portanto, desumanizados de alguma forma, não são personagens centrais da condição humana. Dickens é obcecado por corpos que foram, de alguma forma, quebrados e reparados: indivíduos com muletas, idosos presos a cadeiras e, especialmente, amputados com próteses. Os limites deste tipo de interface homem-máquina são explorados através de Stephen Blackpool, um operário em *Hard Times*: o poço da mina danifica o seu corpo ao ponto da quase desumanidade; ele é descrito como “uma pobre criatura humana esmagada ..., quase sem forma” (p. 262). Mas, para Dickens, não há vida após a morte para corpos que foram tão drasticamente alterados pela máquina; esse corpo danificado não é concebível na imaginação realista; deve ficar escondido da vista. Para Dickens, não existe assim qualquer futuro para corpos que representam tão claramente a interface homem-máquina.

A interface homem-máquina reapareceria como um tropo literário central quando a literatura de ficção científica começou a florescer no final do século XIX. Esse novo género transforma o operário fabril, de um ser parcialmente mecanizado num outro ser totalmente tecnológico – isto é, uma máquina ou um *robot*. Porque permite a construção e a ativação de mundos tecnológicos, a ficção científica é o género ideal para se explorar o potencial da interface homem-máquina. *The Coming Race* (1871/2002), de Edward Bulwer-Lytton, apresenta uma integração da tecnologia na vida quotidiana, mostrando como ela simplifica muitas tarefas e resolve questões morais em torno do trabalho que

eram incomodativas no contexto vitoriano. O romance descreve a descoberta acidental de uma espécie alienígena subterrânea. Isolados por debaixo do solo dos seus parentes humanos terrestres, os Vril-ya seguiram o seu próprio desenvolvimento industrial, separado daquele experimentado na superfície. A história mostra como o seu narrador, depois de descer um abismo numa viagem de reconhecimento de mineração, é adotado pelo povo Vril-ya. Esses seres têm o nome de *vril*, o misterioso elemento semelhante à eletricidade que alimenta todos os aspetos das suas vidas. De forma mais relevante, aproveitaram esse poder para viverem uma vida igualitária e pacifista, fazendo uso de inúmeras ferramentas tecnológicas, desde autómatos domésticos a asas protéticas. Por seu turno, a obra de H.G. Wells, *The War of the Worlds* (1897/2018), debruça-se mais sobre o que acontece quando a tecnologia é indispensável para a sobrevivência de uma espécie alienígena. O romance dramatiza a invasão da Terra por marcianos tecnologicamente avançados e a forma como os humanos da Terra respondem a essa invasão tecnológica inteligente. Seguindo um narrador sem nome, enquanto este testemunha a chegada ao interior britânico de uma nave cilíndrica de marcianos, o romance exhibe um interesse em saber como é que os marcianos usam a sua tecnologia para dominar a infraestrutura humana. Obrigado a fugir da invasão, o narrador esconde-se em locais abandonados para observar a forma como os marcianos constroem e ativam as suas máquinas de combate. Ele viaja finalmente para Londres, agora destruída pelas máquinas marcianas, a tempo de testemunhar a morte (irónica) dos invasores causada por bactérias terrestres.

Tanto uma obra como a outra mostram o fascínio pela forma como as fusões homem-máquina alteram o mundo humano conhecido e os efeitos que essas fusões terão no futuro. Em *The Coming Race*, o trabalho manual transforma-se, de uma ocupação oculta e propensa a lesões, numa profissão automatizada. O romance mostra-se preocupado com os efeitos que a evolução e a tecnologia das máquinas terão na sociedade humana. Mostra como, em particular, os autómatos são utilizados em todos os aspetos da vida que exigem um esforço ou serviço específicos. De uma forma geral, a crítica concorda que o romance aposta na exploração da extensão lógica alcançada pela ciência vitoriana, especialmente quando os modelos evolucionistas são combinados com o desenvolvimento de tecnologias como a eletricidade. Embora os estudiosos tenham examinado *The War of the Worlds* em termos da sua tecnofobia e das descrições perturbadoras da tecnologia alienígena, o romance mostra na verdade uma colaboração impressionante entre o biológico e o tecnológico. Como as asas mecânicas do Vril-ya em *The Coming Race*, as próteses tecnológicas em *The War of the Worlds* estão totalmente integradas no corpo alienígena. As tecnologias aqui representam uma integração bem-sucedida, se bem que extrema, do alienígena biológico e da sua prótese tecnológica. A inteligência dos marcianos evoluiu tanto para além da dos seres humanos terrestres que tornou obsoletos os seus corpos. São apenas cabeças grandes com alguns finos apêndices; de facto, a forma como as máquinas de combate a tripé dos marcianos são descritas mostra que essa colaboração é altamente eficaz e poderosa. Perfeitamente integrados nas suas máquinas, os marcianos podem conquistar facilmente os mundos em seu redor. O que Bulwer-Lytton e Wells parecem reconhecer é que, sem uma integração e uma aceitação tecnológica completas, os seres humanos terrestres têm muito pouca esperança de uma existência futura.

A teoria da evolução de Charles Darwin veio iluminar a porosidade da ascendência humana em relação às suas origens animais. Mas, nas margens desta teoria, há um futurismo apocalíptico à espreita, o qual pode ser associado à forma como a ficção científica retratava a própria figura do cientista. Enquanto que Darwin tinha apenas

ocasionalmente antecipado uma evolução futura para uma catástrofe potencial,⁴ os autores de ficção científica adotam essa imagem de um futuro evolutivo nas experiências extremas que as figuras dos seus cientistas introduzem. Tanto o Dr. Jekyll, em *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde* (1886), de Robert Louis Stevenson, como o Dr. Moreau em *The Island of Doctor Moreau* (1896), de H.G. Wells, tentam tornar-se os “primeiros” de uma nova espécie humana, extirpando a animalidade atávica das suas formas humanas. Embora nenhuma das experiências que fazem seja bem-sucedida, eles revelam ter uma visão da identidade pós-humana que é explícita: um corpo humano em que todas as marcas do animal que o vinculam a um passado evolutivo foram apagadas. Estes romances sugerem, assim, que é eliminando todas as referências corporais ao passado animal do humano que este se poderá tornar pós-humano.

Em *The Descent of Man* (1871), Darwin escreve que a sua nova teoria da evolução humana “pode dar [ao humano] esperanças de um destino ainda mais alto no futuro distante” (vol. 2, p. 31). Esta afirmação desafiava os seus leitores a levar as ferramentas da evolução para além do momento presente. E os romancistas do final do século aceitaram o desafio: Robert Louis Stevenson e H.G. Wells fazem uso de seres humanos cientificamente curiosos que encaram o humano como um ponto de partida para a evolução e não como um ponto final ou de chegada. A teoria evolucionista suportou-se nessa multiplicidade corporal – ser “humano” já implicava conter no seu corpo elementos do animal, do humano e do próprio ambiente. Mas o humano surge entre as “baixas” do processo evolutivo, e a primeira ficção científica veio acrescentar outros detalhes a essas visões cataclísmicas do futuro. Ao descrever técnicas científicas radicais, muitas vezes questionáveis, destinadas a criar novos humanos, esses romances construíram as suas figuras de cientistas como sujeitos pós-humanos; eles são médicos, como o Dr. Jekyll, ou biólogos experimentais, como o Dr. Moreau. Ainda outras explorações futuristas usam a teoria da evolução: *Erewhon* (1872/2016), de Samuel Butler, imagina como seria o futuro se as máquinas pudessem evoluir como Darwin argumenta que as espécies evoluem, enquanto *The Time Machine* de Wells (1895) prevê um futuro em que a estratificação de classes na Inglaterra vitoriana resultará na separação dos seres humanos em duas espécies distintas.

A novela de Stevenson, *Dr. Jekyll and Mr Hyde* (1886) conta a história de como um médico, Dr. Jekyll, separa quimicamente o lado atávico da sua personalidade do seu lado humano mais respeitável, para se permitir viver uma vida dupla de justiça respeitável e liberdade licenciosa. A transformação física de Jekyll em Hyde demonstra um envolvimento com as teorias de Darwin sobre a transmutação das espécies. Por ser a lente através da qual a evolução forçada de Jekyll é explorada, a sociedade intelectual de Londres serve como uma forma de marcar como “excepcionais” e aberrantes os corpos transformados de Jekyll e Hyde. Enquanto Hyde procura viver uma vida num corpo atávico, mais intimamente ligado à ancestralidade dos primatas do que à identidade futura, Jekyll existe como um ser futuro, purgando do corpo humano as lembranças de um passado animalesco e, portanto, existindo como uma entidade pós-humana. Na sua tentativa, ele separa do seu corpo os restos atávicos da identidade humano-animal, deixando assim uma memória física daquilo que o humano já foi; este resquício é Hyde. Mas essa transformação é profundamente marcada pelas imagens evolucionistas que circulavam na época da publicação da novela. Para aqueles que o encontram de forma inesperada, Hyde parece-lhes um “macaco”, ou alguém “mascarado como um macaco”

⁴ As ocasionais projeções ou especulações futuristas presentes na obra de Darwin começam a enfatizar o potencial pós-humano sobre a animalidade originária. As adaptações literárias da sua linguagem focavam-se acima de tudo no humano, em como este existe e sobrevive num ambiente social brutalmente competitivo.

(Stevenson, pp. 15, 26). Esses atributos semelhantes aos primatas sugerem que Hyde é uma forma degenerativa e degenerada do ser humano, fazendo lembrar as caricaturas que circulam na segunda metade da Era Vitoriana em resposta ao argumento de Darwin. A animalidade de Hyde é ainda mais acentuada na forma como ele experimenta o mundo: ao contrário de Jekyll, que é um indivíduo intelectualmente motivado, Hyde é um ser sensual, experimentando o mundo através das suas sensações e instintos corporais.

Ao contrário da obra de Stevenson, que imagina apenas uma relíquia atávica para as origens animais do ser humano, *The Island of Doctor Moreau* de H.G. Wells apresenta uma população inteira de criaturas atávicas que resultam da tentativa de construção de um pós-humano. Moreau, um biólogo experimental, existe no romance como um pós-humano através da sua rejeição da animalidade. A obra é uma resposta às controvérsias da viviseção que, desde meados do século XIX, estavam no centro das descobertas da medicina vitoriana. Através da sua observação e das suas conversas com o médico, Prendick descobre que Moreau e o seu assistente Montgomery estão a transformar cirurgicamente animais em humanos. Esses seres, apelidados de “pessoas fera” ou “povo fera” pelos humanos da ilha, estão cada um deles num estado individual de desenvolvimento entre o animal e o humano – alguns possuindo uma lucidez mental relativa, outros um discurso claro e outros ainda rapidamente regredindo para a forma animal original. *The Island of Doctor Moreau* é um dos mais desafiadores compromissos ficcionais com os desenvolvimentos científicos e médicos do final do período vitoriano, tendo em conta as inúmeras formas de homem-animal que descreve. As “pessoas besta” surgem como um reflexo da confusão inata sobre a ontologia humana que é prescrita pela evolução; as feras questionam a sua própria humanidade e, ao mesmo tempo, levam Prendick a questionar a sua animalidade. E. E. Snyder (2013) vê a obra como indicadora da impossibilidade de se aperfeiçoar o humano pois qualquer tentativa de um projeto humanizador é monstruosa. E Clayton, em *Victorian Chimeras* (2007), utiliza a engenharia genética das quimeras para mostrar que Wells antecipou muitas das preocupações atuais sobre a ética da criação de espécies.

Para Moreau, ser pós-humano é existir como um ser livre da dor, um ser que já não carrega nenhuma réstia de animalidade na sua experiência corporal e mental. Moreau é, assim, apresentado como um pioneiro, tanto na sua disciplina como no seu corpo. Ele considera-se o primeiro da sua nova espécie, uma adaptação especializada do humano, liberta da dor animalesca (p. 73). Acredita tão firmemente que já não faz parte da espécie humana que afirma já não conseguir aceder à experiência da dor, física ou mental, apesar de viviseccionar ativamente os corpos dos animais, transformando-os cirurgicamente em seres humanos. Porque muitos destes também contêm atributos de vários animais, como os híbridos “Bear-Wolf” ou “Leopard Man”, não existem duas feras iguais; cada uma exibe atributos e adaptações exclusivas. Essa miríade de vida humano-animal apresenta ao leitor um verdadeiro “jardim” cheio de exemplos vivos da teoria da evolução; cada criatura representa um elo entre o animal ancestral e o corpo humano atual. Cary Wolfe, filósofo das ontologias animais e pós-humanas, argumenta que os seres humanos são “always radically other, already in- or ahuman in our very being” (Wolfe, 2010, p. 89). E, nos capítulos finais do romance, Wells alarga criticamente o simbolismo da sua obra: Prendick vê na sociedade britânica um reflexo do povo feroz da ilha de Moreau; essa visão mostra o quão animalescos são os humanos. Apelidando os membros da sociedade britânica de seres “meio forjados”, Wells sugere assim que o Humano ainda está em construção, ainda é imperfeito.

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2002). *The Open: Man and Animal*. Chicago: Stanford University Press.
- Anders, G. (2016). On Promethean Shame. In C. J. Müller, *Prometheanism: Technology, digital culture, and human obsolescence* (pp. 29–95). London: Rowman & Littlefield International.
- Blake, W. (1965). *The Complete Poetry and Prose* (ed. David Erdman). Berkeley: University of California Press. Revised 1982.
- Bonnet, C. (1764). *Contemplation de la nature*. Tome Premier. Amsterdam: Marc-Michel Rey.
- Bonnet, C. (1770). *La palingénésie philosophique, ou idées sur l'état passé et futur des êtres vivans*. Tome Premier. Genève et Lyon: J.M. Bruyset.
- Botting, F. (2008). *Limits of Horror: Technology, Bodies, Gothic*. Manchester: Manchester University Press.
- Braidotti, R. (2013). *The Posthuman*. Cambridge and Malden: Polity Press.
- Brewster, S., Joughin, J.J., Owen, D. & Walker, R.J. (eds.). (2000). *Inhuman Reflections: Thinking the Limits of the Human*. Manchester, UK: Manchester University Press.
- Bulwer-Lytton, E. (2002[1871]). *The Coming Race*. Peterborough, Ontario: Broadview Press.
- Butler, S. (2016[1872]). *Erewhon, or over the Range*. London: Trubner & Co. (Internet Archive).
- Byron, G. G. (2006[1816]). Darkness. *The Norton Anthology of English Literature* (pp. 614–6). S. Greenblatt. 8th ed. Vol. D. New York, London: Norton.
- Clark, D. (2001). Kant's Aliens: The “Anthropology” and its others. *CR: The New Centennial Review*, 1(2), 201–289. Consultado em www.jstor.org/stable/41949284
- Clayton, J. (2003). *Charles Dickens in Cyberspace: The Afterlife of the Nineteenth Century in Postmodern Culture*. Oxford and New York: Oxford University Press.
- Clayton, J. (2007). Victorian Chimeras, or what Literature Can Contribute to Genetics Policy Today. *New Literary History*, 38, 569–91.
- Darwin, C. (1871). *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*. Vols 1 and 2. London: John Murray.
- Dickens, C. (1989[1854]). *Hard Times*. Oxford and New York: O. U. P.
- Effinger, E. (2014). The Romantic Posthuman and Posthumanities. (Unpublished PhD thesis). University of Western Ontario, Canada. Electronic Thesis and Dissertation Repository. 1940. <https://ir.lib.uwo.ca/etd/1940>
- Eliot, G. (2008[1860]). *The Mill on the Floss*. Oxford and New York: O.U.P.
- Foucault, M. (1989). *The Order of Things. An archeology of the Human Sciences*. London and New York: Routledge.
- Gaskell, E. (1996[1855]). *North and South*. London: Penguin Classics.

- Guimarães, P. A. (2018). 'Like an inspired and desperate alchemist': Ler/Ser Frankenstein no cruzamento das Ciências e das Humanidades. Capítulo VII. In A. F. Araújo, R. Almeida e M. Beccari (orgs.), *Olhares sobre Frankenstein: Imaginário e educação*. Vol.1 de Mitos da Pós-Modernidade (pp. 175–197). São Paulo: FEUSP.
- Kant, I. (2006). *Anthropology from a Pragmatic Point of View*. Cambridge: C.U.P.
- Ketabgian, T. (2011). *The Lives Of Machines: The Industrial Imaginary In Victorian Literature And Culture*. Michigan: University of Michigan Press.
- Levinas, E. (1986[1847]). *De l'existence à l'existant*. Second edition. Paris: Vrin.
- Lyotard, J-F. (1988). *The Inhuman. Reflections on Time*. Stanford, California: Stanford University Press.
- Marx, K. (1976[1867]). *Capital: A Critique Of Political Economy*. London: Penguin Books Limited.
- Merleau-Ponty, M. (2003). *Nature: Course notes from the Collège de France*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press.
- Pennant, T. (1781). *History of Quadrupeds* (2 volumes). London: Printed for B. White.
- Robinet, J.B.R. (1761–8). *De la nature*. 5 volumes. Amsterdam: E. van Harrevelt.
- Shelley, M. (1992[1818]). *Frankenstein, or the Modern Prometheus*. London: Penguin Classics.
- Shelley, M. (2004[1826]). *The Last Man*. Ware: Wordsworth Editions.
- Shelley, P. (2013[1820]). *Prometheus Unbound: A lyrical Drama in Four Acts*. Cambridge: Cambridge Library Collection.
- Shelley, P. (1956[1824]). The Triumph of Life. *Selected poetry*. London: Penguin Books.
- Smeele, W. (2018). *The Victorian Posthuman, Monstrous Bodies in Literature and Science*. Nashville: Vanderbilt University.
- Snyder, E. E. (2013). Moreau and the Monstrous: Evolution, Religion, and the Beast on the Island. *Preternature: Critical and historical studies on the preternatural*, 2(2), 213–239. doi:10.5325/preternature.2.2.0213
- Stevenson, R. L. (2014[1886]). *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde, and other stories*. Richmond: Alma Books.
- Sussman, H. (1968). *Victorians and the Machine, the Literary Response to Technology*. Harvard: Harvard University Press.
- Trollop, F. (1840). *The Life and Adventures of Michael Armstrong, the Factory Boy*. London: Henry Colburn.
- Wells, H.G. (1896). *The Island of Doctor Moreau. A Possibility*. New York: Stone & Kimball.
- Wells, H.G. (2018[1897]). *The War of the Worlds*. New York: Vintage Books.

Wolfe, Cary (2010). *What is Posthumanism?* London and Minneapolis: University of Minnesota Press.

Verne, Jules (2008[1864]). *Journey to the Centre of the Earth*. Oxford: Oxford University Press.